

Assessor de Reagan teme a confrontação

A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — O chefe da assessoria econômica do presidente dos Estados Unidos, Martin Feldstein, disse ontem, a propósito da declaração conjunta dos chefes de Estado latino-americanos, que a cooperação entre esses países devedores pode ser uma "coisa boa", mas que não gostaria de ver essa iniciativa transformar-se num instrumento de confrontação ou num instrumento de barganha que ignore as importantes diferenças entre as nações.

"Certamente estou ciente da declaração e concordo que as taxas de juros e o protecionismo são problemas muito sérios para os países devedores", disse Feldstein, numa entrevista a correspondentes estrangeiros. O *chairman* do Conselho de Assessores Econômicos da presidência voltou a advogar o estabelecimento de um teto para a cobrança dos juros referentes às dívidas das nações atingidas, a fim de evitar que o aumento das taxas comprometa sua capacidade de importar e prejudique a execução de programas de ajustamento acordados com o Fundo Monetário Internacional. Qualquer acréscimo nos

juros (além do teto), deveria ser adicionado ao principal no reescalonamento da dívida, afirmou. Feldstein também defendeu uma extensão dos prazos dos empréstimos.

Ele disse estar convencido de que as nações do Terceiro Mundo devem ter acesso aos mercados dos países industrializados, pois, caso contrário, não serão capazes de pagar sua dívida. Mas, rejeitando uma velha queixa dessas nações, disse que "qualquer tentativa de se mudar a política monetária dos Estados Unidos ou de outros países credores, a fim de melhorar a situação dos devedores, seria um engano". Isso, observou, só resultaria em taxas mais altas de inflação e no término prematuro da expansão econômica dos Estados Unidos. "E tudo isso seria mais prejudicial do que útil ao Brasil e outros países", advertiu.

CAPITALIZAÇÃO CONDICIONAL

Ao mesmo tempo, reconheceu que novos aumentos nas taxas de juros nos Estados Unidos poderiam representar um ônus incontrollável para algumas nações devedoras. Daí ter proposto uma "capitalização condicional" dos juros. "Reduzir a dívida não é a chave

da questão. A chave é o serviço (da dívida)", afirmou.

Feldstein declarou haver diversas propostas para o estabelecimento de tetos e para a capitalização dos juros, mas que a sua não se confunde com as demais. Considerou urgente a necessidade de se adotar uma fórmula que atenuie o impacto do aumento das taxas. Disse que esta é uma decisão que os bancos têm de tomar por conta própria, em consulta com o FMI e os devedores. Para isso provavelmente não seria necessária a modificação dos regulamentos bancários oficiais, pelo menos nos Estados Unidos.

Afirmou que não cabe ao governo americano determinar aos bancos privados o que fazer. Caso contrário, o governo teria de assumir a responsabilidade pela decisão e isso seria incorreto. Ao governo, observou, cabe adotar políticas econômicas saudáveis que não tenham repercussões negativas sobre o mercado em geral.

Para Feldstein, quando o mercado perceber que a inflação está sob controle e que o déficit público dos Estados Unidos será reduzido, as taxas de juros a longo prazo começarão a cair. Mas as taxas a curto prazo não serão afetadas

dentro dos próximos dois anos, prazo em que as medidas de contenção do déficit começarão a surtir efeito.

Feldstein disse não haver razão para supor que os clientes domésticos dos bancos americanos também vão exigir tetos ou capitalização dos juros, nos moldes em que seriam adotados para os países devedores. Os empréstimos ao Brasil, México e outros países envolvem milhares de bancos em todo o mundo, argumentou, mas um agricultor americano pode sentar-se com seu banqueiro e resolver o problema de uma forma ou outra no momento em que ocorre. No caso dos países, uma certa automaticidade é desejável, declarou Feldstein.

Tratando de outros assuntos, o chefe da assessoria econômica de Reagan — que deixará o governo no dia 10 de julho — afirmou ser bem plausível, que o Produto Nacional Bruto dos Estados Unidos cresça de 5% este ano, com uma inflação de 5%. Repetindo o que o presidente Reagan afirmou na sua entrevista de anteontem à noite, disse que a Junta da Reserva Federal (FED) está realizando um bom trabalho na frente monetária.